

**Intervenção do Presidente da Assembleia da República na
Abertura da Conferência sobre Crianças em Risco
(27 de Janeiro de 1998)**

- Senhor Presidente da Comissão Para a Paridade, Igualdade de Oportunidades e Família;
- Senhores Professores;
- Senhores Participantes;
- Senhores Convidados;
- Minhas Senhoras e Meus Senhores:

1. Creio que foi Dostoiewsky quem disse algo de semelhante a isto: “perante a tortura de uma criança apetece devolver o bilhete de entrada”.

É também conhecida a questão posta por Kant: “se só salvássemos a vida humana torturando uma criança, torturá-la-famos”? Ainda segundo ele, a vida diria sim. A moral diria não. E conclui: “por esse preço a humanidade não merecia sobreviver”.

Mas sobrevive. E sobrevive, não à tortura de uma criança, mas a tortura, à humilhação e à destruição de milhões de crianças. Os números são aterradores: 500.000 crianças prostituídas no Brasil; outras tantas na Índia: 200.000 na Tailândia. Se continuássemos a busca, só mudaria a dimensão da tragédia. Mas nenhum país, por mais civilizado, pode hoje dizer “dessa lepra não padeço eu”!

E embora se pretenda que a prostituição é a mais antiga profissão do Mundo, bem pode dizer-se que, em termos quantitativos, e de requinte de malvadez, deve figurar entre as mais modernas. Num momento em que se evolui vertiginosamente para a mundia-

lização dos mercados, o tráfico sexual, sem excluir o que vitima jovens desde as mais tenras idades, organizado em sistema de redes, já se globalizou. Nesta nova “Sodoma” em que o Mundo moderno se tornou, há pais que vendem filhos, e há mulheres e crianças que são objecto de compra e venda como qualquer outra mercadoria. Nos mercados internos e no mercado internacional. Com uma novidade: já não é só a prostituta que se vende; há quem lucrativamente faça, compre e venda seres humanos prostituídos.

São os novos escravos. Escravos da miséria, do medo e da ganância que imperam nas praças dessa veniaga humana da era moderna. E também dos ardis de que em regra são vítimas. A mais experiente prostituta, levada para um país de que desconhece a língua, despojada de documentos, logo de identificação e de liberdade, fica tão à mercê do seu algoz como os antigos escravos o estavam do seu “senhor”. Se ocorre ser uma criança ou um jovem adulto, que sujeição, que risco e que amargura!

E no entanto, nenhum de nós devolve o bilhete de entrada! Ou deixa de digerir, diariamente, a sua sopa! Também não consta que Kant se tenha suicidado ou tenha feito greve de fome!

Conforta-nos, é claro, o facto de essas ignominias terem específicos culpados: os pais depravados, os proxenetas, os chulos, os tarados sexuais, os donos da indústria do sexo, os comerciantes do respectivo comércio, os publicitários da pornografia, os difusores dessa publicidade, os donos das cadeias de prostituição e tráfico sexual, os bancos que lavam os respectivos ganhos.

Como se vê, uma culpa que não morre solteira. Se, por absurdo, um deus irado convertesse os homens em anjos, a crise do desemprego tornava-se verdadeiramente inultrapassável.

Mas serão só esses os culpados? Os que sabem e disfarçam; vêem e fingem não ver; compram revistas e vídeos pornográficos e se deleitam com eles; satisfazem, como simples consumidores, apetites de lubricidade; e apertam a mão às bestas daquelas bestialidades, não têm culpa nenhuma? Os que atravessam a vida a silenciar, a pactuar, a transigir sem um protesto, um grito, uma revolta, também não têm culpa? A hipocrisia, meus senhores, também não morre solteira!

2. O que não falta são preciosas Convenções Internacionais a prescrever medidas de defesa das crianças em risco! Nem leis penais tipificando crimes que cobrem as infrações em que o fenómeno se desdobra! Nem penas o mais possível desestimulantes dessas infrações! Nem polícias cientificamente preparadas para investigar o flagelo e identificar os flageladores! Nem tribunais aparelhados para os julgar e punir! Nem inquéritos sociais sofisticados! Nem estudos brilhantes cobrindo os aspectos psicossomáticos, fisiológicos, sociológicos e éticos em que o fenómeno se decompõe. Nem organizações de solidariedade social, públicas e privadas, debruçadas sobre os riscos que correm e as violências de que são vítimas as crianças deste nosso Tempo e deste nosso Mundo!

E no entanto, o flagelo permanece e desenvolve-se em extensão e gravidade. Todos os antídotos até agora experimentados cedem perante a perversão sexual, a ganância e a tentação do lucro. Se, no tempo em que o diabo tentava as consciências, alguém o tivesse aconselhado a montar um banco, o inferno estaria hoje bem mais fornecido de almas!

Há dois mil anos, Cristo proferiu esta sentença terrível: “Desgraçado daquele que escandalizar uma destas criancinhas! Mais lhe valera que o prendessem à mó de um moinho e o precipitassem no mar”!

Está nas escrituras. Mas não no coração de todos os homens! Ou sequer de todos os cristãos! Segundo os jornais, entre os pedófilos que excepcionalmente caem nas malhas da justiça — sobretudo da justiça belga — figuram sacerdotes!

É caso para perguntar: a que outros abismos se prepara para descer a natureza humana?

Tudo indica que as penas do Inferno já não detêm os algozes, e que as penas no Mundo não impedem o “inferno” em que transformam o sofrimento das vítimas.

É por isso que espaços e momentos de reflexão sobre o que está errado nas nossas vidas, nos nossos valores e nos nossos sentimentos, como o desta Conferência, se revestem da maior oportunidade e da maior importância. Apetece retomar a alegoria nietzscheana do velho do lampião a proclamar a morte de Deus, ou à

procura de um Homem, aplicando-a à procura de nós próprios. O que fizemos da nossa humanidade?

3. Uma conclusão me parece irrecusável. Se as medidas de prevenção e repressão até hoje tentadas não impediram o alastramento do flagelo, há que complementá-las e supri-las com outras.

Quais? Ocorre com as crianças e os jovens adultos em risco o mesmo que acontece com muitos outros flagelos sociais para os quais não temos encontrado resposta minimamente eficaz. Com a prostituição e o tráfico sexual em geral, com a droga, com a violência, com a insegurança, com a exclusão social. Basta de exemplos, mas não param aqui!

O que ocorre é que tentamos encará-los ao nível dos resultados e não das causas. Represar o rio junto à foz e não junto à nascente. Sabemos ao menos quais são as causas? Claro que sim. Então porque não agimos preventivamente sobre elas, neutralizando os seus efeitos danosos?

Pela razão simples de que até agora temos estado politicamente, economicamente, e por isso psicologicamente, prisioneiros delas! Não temos sido — e será que o seremos? — capazes de abdicar de rotinas, hábitos, confortos, equilíbrios, valores e até mitos que teríamos de pôr em causa com todas as consequências que haviam de decorrer de tudo isso. Teríamos de negociar um novo pacto social. Teríamos de demiurgicamente recriar outro homem, menos egoísta e mais solidário, menos hedonista e mais estóico, menos competidor e mais samaritano. Um homem que voltasse a partir o bezerro de ouro dentro do seu coração. Por outras palavras: teríamos de pôr em causa o modelo económico baseado na competição e no lucro; o modelo demográfico baseado no deixar-nascer sem sombra de limitação ou de garrote; o modelo ecológico baseado no crescimento para lá dos limites que a natureza suporta; o modelo ético baseado no apagamento dos valores e na irrupção da ideologia dos anti-valores; o modelo social, baseado no demissionismo da família, da escola, das igrejas e do Estado; o modelo informativo e comunicacional, baseado na liberdade irresponsável de agradar deseducando.

Estamos nós dispostos a isso? Ao que cada ser humano aparentemente está hoje disposto é a cultivar o seu jardim, a conquistar a sua vantagem, a acumular o seu lucro, a desfrutar as atrações da sua televisão. Pôr tudo isso em causa e refundar o pacto que tudo isso suporta? Que cada um responda!

Daí que, muito provavelmente, continue a aumentar o número de consumidores-predadores, estimado em oito bilhões daqui a vinte anos! Continue a pressão do seu consumo a destruir metódica e irreversivelmente os equilíbrios naturais! Continue a cavar-se o fosso entre os que têm tudo e os que não têm nada! Continue a alastrar a rebelião social e com ela o desemprego, a criminalidade, a droga e a insegurança. Continue a vaga de amoralismo que não poupa o mais sagrado. Continue, enfim, a depravação das almas que está na base do sofrimento e da destruição de milhões de crianças e jovens adultos.

4. Ainda assim, tentemos identificar as principais causas remotas dos riscos, das humilhações e das violências perpetradas.

As próximas sabemos quais são. Passam por pais ou tutores depravados que seviciam crianças, delas abusam, e no limite as vendem; monstros humanos que disso fazem profissão e negócio; tarados sexuais que retiram prazer de violentá-las; donos de redes de tráfico, indústria e comércio sexual transfronteiras que fazem por grosso o que outros fazem isoladamente ou a retalho. Agentes humanos, como se vê, não faltam. Mas que causas, que impulsos, que situações e que fenómenos os impelem para essa descida aos infernos?

Vêm em todos os manuais. A última coisa que podemos alegar em nossa defesa é o desconhecimento delas, desdobram-se em causas demográficas, económicas, sociais, culturais, étnicas, religiosas, outras.

Limite-me à menção das que com mais frequência são mencionadas:

— **A pobreza.** Acarreta consigo muitas outras sub-causas que lhe andam fatalmente ligadas: a ausência da escola ou a fuga dela, o trabalho infantil, a incultura dos pais, a mendicidade e as respectivas sujeições, o alcoolismo dos ascendentes, as sevícias em casa, a queda na droga.

— **O desemprego.** Não só como fonte da pobreza, com todas as mencionadas sequelas, mas como causa de distúrbios psicológicos de pais e tutores sem trabalho e sem salário. Encarados como crianças, para efeito de riscos, todos os jovens adultos até aos dezoito anos, é também dramático e fonte de receáveis consequências, o quase proibitivo acesso ao primeiro emprego.

— **O flagelo da droga.** Ainda que ligado, como resultado, aos factores antecedentes, é causalmente autónomo. É conhecido o parentesco próximo entre o consumo de drogas, a prostituição e o crime. Sobretudo as crianças de rua, mas não só, são presa fácil da tentação de experimentar as sensações euforizantes que as drogas começam por proporcionar. Escravas delas são presa fácil para os escravagistas do sexo e do tráfico sexual.

— **A crise dos valores.** Com o apagamento da consciência moral, resultante do amoralismo que alastra, a adesão psicológica do agente ao crime sexual tendo por vítimas crianças e jovens adultos, deixou de encontrar o efeito de frenagem dos valores éticos que impregnavam aquela consciência. E como as leis em geral, sem excluir as que previnem e punem o flagelo da escravatura sexual, deixam progressivamente de se impregnar de valores, o espírito de desobediência às leis alastra também, e a sua eficácia perigosamente diminui.

— **A orientação crescimentista, materialista, monetarista, individualista e competitiva do modelo económico prevalente.**

Sob tais “sacramentos”, como não há-de o homem moderno privilegiar o lucro, o desamor pelo outro, a competição violenta, a indiferença perante a dor, a violência pela violência? E com tais níveis de competitividade, como não hão-de os mais fracos e menos dotados para a luta pela vida cair nas garras dos “Átilas” triunfadores que vêm neles presa fácil da sua ambição e da sua ganância?

Reconheçamos: os culpados desta divisão social entre vencedores e vencidos não são só os que vencem. São também, senão sobretudo, os que justificam e defendem a competição e lhes preparam as arenas em que competem!

Mas quem está aí disposto a pôr em causa o modelo económico que nisso se baseia?

— **A televisão como escola ao longo da vida, e que em vez de educar deseduca.**

A TV pega na criança, ainda tábua rasa, e ministra-lhe quatro a cinco mil horas de sedução antes do início do pré-primário. Os programas que lhe impinge, incluem a violência, o sensacionalismo, e quantas vezes a pornografia. Serve-se das crianças como instrumento publicitário. Deixa que confundam a ficção com a realidade. E uma ideia geral de permissividade, de atracção da violência e do consumo — quando não do consumismo — figuram entre as primeiras mensagens recebidas e gravadas na plasticina moldável que a criança é.

Durante a educação escolar, a TV, como sempre a produzir para consumidores, compete com a escola oficial, e vence-a. Findo o período da educação oficial, a TV, só no terreno, recicla diariamente os seus alunos, sem preocupações pedagógicas ou didácticas, através de docentes que ninguém preparou para a docência, e sem qualquer título habilitante ao exercício dela. O cidadão passa assim a ser predominantemente aquilo em que a televisão o transformou.

Tudo isto porque os Estados abandonam as estações emissoras à necessidade de agradarem para obterem altos níveis de audiência, e através destes de publicidade, e através desta os rendimentos de que precisam para subsistir.

Impõe-se aqui um ponto final na desatenção oficial. O que está errado, é uma vez mais o modelo que a tudo isto preside.

— **Casos gritantes de marginalização e exclusão social.**

Será porque tem favelas que o Brasil tem o nível de prostituição infantil que tem?

O Mundo de hoje, em que se atropelam seis biliões de seres humanos — seremos oito biliões daqui a vinte anos! — bate recordes em número absoluto de pobres, analfabetos e desempregados. E também de crianças escravas da prostituição e da droga, ou cuja casa é a rua. Há dias passei de manhã nos Restauradores, e deparei com o espectáculo humilhante de crianças dormindo sobre o ralo da estação do Metro, cobertos por jornais. Comovi-me. Outros que passavam, já nem isso! Neste momento pergunto-me: chega a

comoção? Espero que, ao menos este meu texto, responda a essa pergunta!

Sob a pressão da exiguidade do seu território para albergar, alimentar e empregar os seus excedentes populacionais, minorias étnicas atravessam irresistivelmente fronteiras em busca de pão, trabalho e espaço vital. De antemão condenados à marginalização, quando não a explosões de racismo. Sem demora são aproveitados como bodes expiatórios do aumento da insegurança e do crime. Convictos da sua culpa — ou talvez não! — os cidadãos autóctones reclamam mais repressão, mais polícia, mais duras penas. Curiosamente, poucos são os que se lembram de questionar a explosão da natalidade! Ou se recordam de que a solidariedade para com o semelhante não deve ter fronteiras!

— **A hipocrisia dos responsáveis.**

Se há anti-valor que tomou conta do presente, e parece ter assegurado o seu futuro, é a hipocrisia. Não conhece fronteiras psicológicas, geográficas ou humanas. Mas é naturalmente mais impeditiva da busca de soluções para os problemas que nos preocupam quando praticada pelos senhores do Mundo.

Impede soluções para as preocupações demográficas, ecológicas, económicas, sociais e culturais. Para obter esse resultado utiliza armas como o optimismo irresponsável, o desvio das atenções, a exploração impúdica das pequenas esperanças, a fé na ciência, a difusão de propensões hedonistas, a satisfação de anseios lúdicos. Presas desses narcóticos, os cidadãos rejeitam as expectativas sombrias como a um corpo estranho! O mais das vezes sem clara consciência de que dormem sobre a cratera de um vulcão.

Quer-se melhor exemplo desse estado de espírito do que a passividade e a quase cumplicidade psicológica com que os responsáveis e os não assistem à degradação do homem traduzida na existência de milhões de crianças em risco?

5. Estas não são, naturalmente, as únicas causas remotas do flagelo que aqui nos reúne. Nem a dimensão sexual dos riscos que as crianças correm é a única dimensão desses riscos. Mas os fenómenos devem ser encarados e resolvidos na perspectiva da sua maior gravidade. O resto virá por acréscimo.

Tanto quanto quis foi evidenciar que sem êxito tentaremos reagir contra as causas próximas — ao nível do ponto de chegada de todas as causas — se continuarmos a não encarar, nem combater com determinação as causas remotas. Mas é isso o que acontece. Mais polícias, mais duras penas, mais julgamentos, mais condenações e mais prisões, podem aligeirar o peso das nossas consciências. Mas com escassos resultados. A prostituição e o tráfico sexual de crianças continuarão a crescer. Com mais seres humanos, mais pobreza, mais desemprego, mais consumo de drogas, mais materialismo, individualismo, competição e lucro, mais deseducação televisiva, mais excluídos e marginalizados, mais hipocrisia e menos valores, nada feito.

Aqui chegados, uma pergunta: sendo certo que se não vislumbram respostas fiáveis para as fontes do mal que nos aflige, valerá a pena continuar a alimentar esperanças? E insistir nas medidas até agora seguidas e preconizadas?

Claro que sim! Não tanto porque a esperança é a última coisa a morrer, visto que já morreu muitas vezes. Mas porque aquilo que neste momento se nos afigura insolúvel, pode encontrar solução amanhã. As sociedades humanas não são compartimentos estanques. Nem no espaço, nem no tempo. A história regista momentos demiúrgicos de total subversão do que antes foi. Tivemos em Cristo um genial subversor: os últimos no lugar dos primeiros; em vez da vingança, a outra face; em vez da sedução da riqueza, o desprezo dos bens e a condenação dos ricos; em vez de egoísmo, o impulso samaritano; para os fariseus, o látego; para a mulher adúltera, o perdão; para o inimigo, o amor. Porque não outro Cristo? Tivemos as nossas renascenças. Porque não outro renascimento cultural e civilizacional? Tivemos a partir de 1917 um ensaio mal sucedido de substituição do espírito de competição e de lucro por uma experiência igualitária. Se aquele espírito de novo nos constrange, porque é que, por outra via, e com mais garantido sucesso, não havemos de o pôr uma vez mais em causa? Tivemos, mais recentemente, um Maio de 1968 que abalou o Mundo. Porque não outro?

O caso é este: se a utopia de um homem novo sempre falhou, nunca ela foi tentada na condição de única saída que desta vez seria. Mas mesmo á espera da nova ruptura civilizacional que se

me afigura possível e até provável, há muito que fazer no plano das recomendações das Convenções internacionais que em grande medida continuam letra morta. O quadro das respostas ao nível dos efeitos das “causa-causarum”, ou seja, ao nível do ponto de chegada delas, está em grande medida por cumprir, quando não por experimentar. Há prevenção cultural a menos. Ainda há dias um estudante do ensino secundário, nesta mesma sala, perguntava aos Deputados presentes: “para quando a educação sexual nas escolas”? Há cooperação internacional a menos. O combate aos riscos que as crianças correm não terá sucesso circunscrito ao nível de cada país! Se as redes de prostituição e tráfico sexual se universalizam, globais têm de ser as respostas. Há défice de cooperação dos média. Como vimos há pouco, em vez de ajudar complicam. Há neles auto-responsabilização, autocontrolo e regras deontológicas a menos. Há publicidade e oferta pública de objectos e serviços sexuais e pornográficos a mais. Impõe-se uma maior consciencialização e uma maior participação da sociedade civil. O número de centros públicos e privados de assistência médica, psicológica, social e jurídica às crianças em risco é manifestamente exíguo. O número de processos penais tendo por arguidos proxenetas, chulos, donos de casas de passe, ou membros de redes de tráfico ou turismo sexual carece de significado. Talvez porque as queixas põem a funcionar a vergonha e o receio da humilhação pública. A confidencialidade dos respectivos “dossiers” está à mercê de qualquer jornalista.

A indústria e o comércio de material pornográfico e respectiva publicidade, são inexplicavelmente tolerados. O direito das vítimas de crimes sexuais ou do tráfico sexual e turístico a uma indemnização adequadamente compensatória de prejuízos físicos, psicológicos e morais, ainda não saltou da abstracção da lei para a letra das decisões judiciais. A actividade das agências de contratação de artistas, promotoras do matrimónio e da adopção, que tantas vezes encaminham vítimas para a prostituição e outras formas de exploração, devem continuar entregues apenas à lei da oferta e da procura? Pode continuar a inexistir um ficheiro internacional das crianças desaparecidas? E teremos mesmo de cruzar os braços perante o espectáculo humilhante das crianças de rua? Se querem dormir na rua pois que durmam? Se querem aspirar coca pois que

aspirem? Se querem ser presa fácil de instintos libidinosos, pois que sejam? É assim?

E ao nível da investigação do fenómeno? Já investigámos tudo? Já levamos a nossa curiosidade até ao estudo exaustivo da natureza e amplitude das formas de exploração sexual? Dominamos, porventura, os factores contribuintes da pedofilia? Ou a relação entre a adopção e a exploração sexual? Ou os laços entre o abuso sexual no seio da família e a prostituição? Ou a caracteriologia comum aos consumidores da prostituição e pornografia infantil? Ou as relações entre a indústria do sexo e o crime organizado? Ou sequer a interligação entre a prostituição ou o tráfico sexual e o tráfico e consumo de drogas?

Para não ir mais longe: acaso dominamos as causas, as consequências e o nível epidemiológico das doenças sexualmente transmissíveis das e às crianças, ao menos para apurarmos se o receio da contracção dessas doenças é ou não um factor explicativo do aumento da procura de parceiros juvenis?

Eu diria antes que, em certa medida, continuamos no escuro, Os velhos tabus ainda imperam!

6. Sobre tudo isto e muito mais, ides reflectir. Que os astros vos inspirem a indignação e a lucidez necessárias.

Deixo-vos uma última exortação: a hora não é de silêncios, nem de contemporizações, nem de cumplicidades passivas. Nem de panos quentes!